

CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES DE ENFERMAGEM ACERCA DA SEXUALIDADE: Um Estudo Qualitativo

João Júnior Berlezi¹

Isabel Cristina Pacheco Van der Sand²

Resumo

Estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório, descritivo, com objetivos de descrever a concepção de professores e estudantes de Enfermagem acerca da sexualidade e identificar a forma como se sentem ao se depararem com a temática no cotidiano profissional e/ou durante a educação em Enfermagem. Realizado com 13 sujeitos, estudantes e professores de um curso de enfermagem de uma universidade privada do interior do Rio Grande do Sul, sendo utilizada entrevista semi-estruturada para a coleta dos dados, os quais foram analisados por meio da proposta de análise de conteúdo de Bardin. Da análise emergiram dois temas. O primeiro traz o repertório dos sujeitos acerca da sexualidade entendida como algo construído no decorrer da vida, que, além do biológico, inclui aspectos relacionais, determinados pelo contexto sociocultural e que constitui a identidade das pessoas. No segundo tema, os sujeitos expressam que a Enfermagem é rica em questões relativas à sexualidade, mas os estudantes têm dificuldade em relação ao tema, reivindicando um espaço curricular para “aprender” sobre o assunto. Conclui-se que estudar a sexualidade demanda estar aberto a novas percepções, novas concepções e noções outras que se produzem em cada estudo, em cada conversa, em cada momento reflexivo, porque, em virtude de sua natureza, a sexualidade está em permanente produção, permitindo olhares sempre distintos.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação em Enfermagem. Docente de Enfermagem.

Sexuality in nursing education quotidian

Abstract

This essay presents a qualitative, exploratory and descriptive approach, aiming to describe the conception that nursing teachers and students have about sexuality; and identify how they feel when facing this thematic in the professional quotidian and/or in nursing education context. Thirteen individuals, among students and teachers of a nursing course of a private university in Rio Grande do Sul State were part of the study. Semi-structured interview was used for data collection, which were later analyzed according to Bardin content analysis. Two themes came out from the analysis. The first one brings the repertoire of the subjects about sexuality, understood as something constructed in the course of life, and which, beyond the biological aspects, includes the relational ones, determined by the sociocultural context, constituting the identity of the persons. In the second theme, the subjects of the study expressed that nursing is rich in questions related to sexuality, but students has difficulties about the theme, claiming a curricular space to “learn” about the matter. It is possible to conclude that studying sexuality demands to be open to new perceptions, conceptions and notions that come out in each study, conversation and in each reflexive moment, because, taking into account its nature, sexuality is in constant production, allowing views that are always different.

Keywords: Sexuality. Nursing Education. Faculty. Nursing.

¹ Enfermeiro, egresso do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, integrante da equipe da Estratégia da Saúde da Família do município de Acaraú, Ceará.

² Enfermeira, mestre em Enfermagem, docente do curso de enfermagem do Centro de Educação Superior do Norte do Estado/Universidade Federal de Santa Maria (Cesnors/UFSM).

O tema sexualidade, na formação acadêmica, mais especificamente nos cursos da área da saúde, muitas vezes é ignorado, embora faça parte desse cotidiano, posto que ali estão pessoas em relação e, portanto, em exercício da sexualidade. Nesse contexto estão inseridos o estudante de enfermagem e o professor enfermeiro.

Cabe destacar que nosso fazer profissional centra-se na assistência de Enfermagem e na formação de enfermeiros, o que justifica o interesse em desenvolver uma investigação versando sobre a sexualidade no contexto da referida formação.

Do ponto de vista conceitual, a sexualidade é rica em significação, variando de acordo com o contexto social e o tempo histórico em que as pessoas e seus grupos se inserem (Ressel; Gualda, 2004).

A sexualidade está presente em todas as dimensões da vida –pessoal ou profissional, pública ou privada e, ainda, no contexto de saúde ou de doença. É evento universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, uma vez que é uma elaboração específica que abrange aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais carregados de historicidade e que envolvem práticas, atitudes e simbolizações (Ressel; Gualda, 2003).

As noções sobre a sexualidade, entretanto, expressas pelo senso comum, têm na genitalidade a principal e quase que única forma de manifestação. Tal compreensão é limitada, na medida em que nega a multidimensionalidade e ignora os inúmeros fatores que influenciam esse evento. Por outro lado, o reconhecimento da abrangência da sexualidade, de suas inúmeras dimensões, não diminui, nem exclui, a importância da genitalidade, visto que homem/mulher são, também, corpo sexuado, constituído inextricavelmente por ela (Ressel; Gualda, 2004).

Apesar da riqueza de concepções e de a sexualidade colocar a vida em movimento, fazer parte dela e lhe dar sentido, referindo-se à forma como cada indivíduo, de modo singular, se comporta e interage com o mundo, ela ainda é uma temática velada no cotidiano profissional do enfermeiro, quando não invisível (Miranda; Sobral, 1992; Ressel; Gualda, 2002, 2003, 2004).

Estudos indicam que as necessidades sexuais dos pacientes, para os enfermeiros, são inexistentes ou estão relacionadas geralmente às questões ligadas à higienização dos órgãos sexuais ou associadas à função reprodutiva, inclusive marcadas por práticas que visam a reduzir riscos relativos ao exercício da sexualidade, numa visão “patologizante” da sexualidade (Miranda; Sobral, 1992; Ressel; Gualda, 2002, 2004). Por isso há, em nosso entendimento, na atuação dos enfermeiros, dificuldades em interagir com a sexualidade do outro e, inclusive, com a sua própria.

Em pesquisa realizada com mulheres rurais gaúchas, cujo objeto é a sexualidade mediada pela cultura, constata-se que, na área da saúde, na assistência e no ensino, a sexualidade é, no mais das vezes, negada, quando os profissionais e estudantes parecem ignorar que ela se expressa a todo momento, por meio da postura, de gestos, olhares, pelo silêncio, pela manifestação de sentimentos e pelo modo de se comportar perante o *outro* (Ressel; Gualda, 2003).

A introjeção dessas concepções de sexualidade, expressas por meio do discurso, dos silêncios e das práticas pessoais e profissionais, se dá, portanto, ao longo da vida – na socialização dos sujeitos, aí incluída a formação acadêmica (Ressel; Gualda, 2002).

Assim sendo, parece-nos mais que pertinente a elaboração deste estudo, buscando possíveis repostas e novas interrogações às seguintes questões: “O que estudantes e professores, de um curso de Enfermagem de uma universidade privada do interior gaúcho, entendem por sexualidade? Como esses estudantes e professores se sentem ao tratar de assuntos relacionados à sexualidade na rotina acadêmica e/ou profissional”?

Diante dessas considerações teóricas e do objeto de pesquisa apresentado, este estudo objetiva: descrever a concepção de professores e estudantes de Enfermagem acerca do que seja sexualidade e identificar a forma como se sentem ao se defrontarem com a temática no cotidiano profissional e/ou acadêmico, respectivamente.

Metodologia

Este estudo tem abordagem qualitativa, exploratória e descritiva (Gil, 1999; Minayo, 2002), realizado em uma universidade privada, de natureza comunitária, do interior gaúcho, com estudantes e professores de um curso de Enfermagem. Como critério de inclusão desses sujeitos foi definido que deveriam ser professores efetivos desse curso e os estudantes estarem matriculados no último ano. Todos os sujeitos deveriam concordar livremente em participar da pesquisa e permitir que suas informações fossem gravadas.

Os estudantes convidados, aleatoriamente, aceitaram participar do estudo, finalizando-se a coleta com seis alunos, quando se constatou a suficiência de dados. Quanto à participação dos professores, além dos critérios mencionados, procurou-se convidar pelo menos um de cada área de formação – Fundamentos de Enfermagem, Saúde da Mulher e da Criança, Saúde do Adulto, Saúde Mental e Coletiva, Administração. Participaram sete professores, destacando-se que duas áreas não foram representadas em virtude de recusa ao convite.

Os dados foram coletados mediante entrevista semiestruturada, a partir das questões: O que é sexualidade para você? Em que situações acadêmicas e/ou profissionais você precisa lidar com aspectos da sexualidade? Como você se sente ao ter de lidar com esta temática no seu dia a dia profissional e/ou acadêmico? Você considera que as informações obtidas na formação do enfermeiro são suficientes para lidar com esta temática? Por quê?

No decorrer das transcrições das entrevistas realizou-se a análise dos dados, por meio da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), aquela que procura compreender o que há para além das aparências, aquilo que está por trás do comunicado.

A identidade dos sujeitos foi preservada, em conformidade com a Resolução 196/96 (Brasil, 1996), os quais foram nomeados pelas abreviaturas “ent./est.” (entrevistado/estudante), ou “ent./prof.” (entrevistado/professor), seguidas de um número cardinal, que representa a ordem de realização das entrevistas entre cada grupo. Os dados foram utili-

zados somente para fins científicos e os sujeitos foram informados de que poderiam desistir do processo de investigação, o que não ocorreu. Foi garantido também que, em caso de cansaço ou mal-estar, o processo de coleta dos dados seria interrompido, fato que também não foi constatado.

Foi solicitada autorização, por meio de ofício ao Colegiado do Curso de Enfermagem e à Chefia do Departamento ao qual que este está alocado, para o contato com os estudantes e professores, os quais deram seu aval. As fitas cassete com as entrevistas estão sob a guarda de um dos autores deste estudo e serão incineradas ao final de cinco anos de sua realização. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, assinados pelos sujeitos do estudo, também estão sob os cuidados de um dos pesquisadores.

Análise dos Dados e Discussão dos Resultados

Da análise dos dados emergiram dois temas, os quais são apresentados a seguir:

TEMA 1: *Sexualidade no repertório de professores e estudantes de Enfermagem*

O repertório dos estudantes e professores vai ao encontro da concepção que indica que a sexualidade é construída no decorrer da vida dos sujeitos e está diretamente ligada à forma como é conduzida, sofrendo mutações constantes, não havendo um modelo ou uma característica definitiva (Seixas, 1998).

Os seres humanos são percebidos como sujeitos de identidades transitórias e contingentes, o que significa que todas as identidades sociais, incluídas aqui as sexuais e as de gênero, podem ser ora desejadas, ora rejeitadas, a depender da interpelação do grupo social de referência e da resposta do sujeito (Louro, 2001).

Sob essa lógica, a sociedade está constantemente produzindo novas identidades sociais e o reconhecimento do “outro” é feito a partir do lugar social em que cada um se encontra. O produzir-se homem ou

mulher é sempre sugerido e promovido pelos movimentos socialmente desenhados, a partir dos quais regras e normas são constituídas (Louro, 2001).

Tais noções acerca da produção e do lugar da sexualidade na vida de mulheres e homens são expressas no repertório da maioria dos sujeitos do presente estudo. Há o reconhecimento de que ela é expressão social e cultural dos seres humanos e de seus grupos.

A sexualidade é uma forma de expressão do humano, é uma forma substantiva dessa expressão, porque de primeiro somos todos ou homem ou mulher ou, talvez, majoritariamente homem e majoritariamente mulher. Isso quer dizer que é desde aí que a gente conhece o mundo e desde essa expressão que a gente constrói e experimenta o mundo. A gente experimenta o mundo desde expressões que foram construídas culturalmente: eu sou homem e isso tem um conjunto de produção que se espera que assim se comporte. Essa é uma questão do ponto de vista moral muito complicada, porque isso traz um certo padrão, ou seja, tem uma certa produção esperada que seria majoritária e aquilo que assim não se comporta é visto como desvio. Então, esta é uma característica de uma produção cultural e toda produção cultural é marcadamente objetiva e objetivante, ela requisita do outro uma certa produção esperada (ent./prof. 4).

Na medida em que os sujeitos do estudo reconhecem a sexualidade como evento que se produz no interior da cultura, eles admitem a influência das relações de gênero (que também são produzidas em seu interior) sobre ela. As representações de gênero são, para Scott (1995, apud Araújo, 2005), construções sociais que dão atributos às mulheres e aos homens, sendo, também, um modo de dar significado às relações de poder. Há o entendimento de que sexualidade e gênero articulam-se entre si:

Sexualidade é como a gente se arruma, como a gente come e como a gente coloca a comida no prato. Tudo isso é a expressão da sexualidade de cada um. É claro que dentro de um contexto cultural, porque não podemos estar longe de uma história construída com a gente e até com nossos pais e avós, ou seja, com a cultura que a gente está vivendo no momento. A cultura também impõe a sexualidade, condutas e transgressões. Sexualidade me parece que é a expressão de se

viver, nascer. E nascer também com a marca da sexualidade na questão de gênero, de ser mulher, de ser homem... Então, sexualidade é exatamente a gente exercer o ser na trajetória de vida. A sexualidade é bem como a gente se expressa e se coloca no mundo (ent./prof. 7).

Porque a produção social da sexualidade nos coloca em posições de poder muito distintas, um profissional em relação ao usuário, um determinado gestor sobre uma equipe, um professor em relação a um aluno e um chefe em relação a um funcionário, são relações de poder que são também construídas numa forma de expressão da nossa sexualidade. O poder de macho colocado na sociedade em relação às mulheres é muito característico em relação a isso (ent./prof. 6).

O repertório, mais marcadamente dos professores, parece ter como um de seus referenciais as representações de gênero, assentado, em especial, no ideário de Scott, na medida em que reconhecem a legitimidade da busca de igualdade entre mulheres e homens, não significando, por outro lado, que vislumbrem a eliminação de todas as diferenças, porque esses são iguais, contudo, diferentes. Há, portanto, o reconhecimento de que homens são diferentes entre homens (e entre mulheres) no comportamento, no caráter, no desejo, na subjetividade, na sexualidade, na identificação de gênero e na experiência histórica (Araújo, 2005).

Cada pessoa vive a sua sexualidade de seu modo. A sexualidade é o indivíduo e, também, a sociedade em que ele vive. Então, sexualidade é além do ato sexual em si. Sexualidade é tudo o que nos valida como cidadãos. Sexualidade é uma forma de experimentação e de criação do mundo desde si, esse desde si como indivíduo e esse indivíduo pertencente a um determinado coletivo, determinado “sócio” (ent./prof. 6).

A sexualidade, na voz dos sujeitos, é constituída por aspectos que estruturam o ser humano como ser singular, como único, que é também coletivo, uma vez que recebe influências do meio, do grupo cultural e social a que pertence. Há o reconhecimento do movimento dialético que se institui na produção da sexualidade, pois à medida que o indivíduo é influenciado pelo meio, ele também o influencia.

Os dados permitem constatar que cada sujeito tem seu próprio conceito acerca do que seja sexualidade, uma vez que cada um carrega vivências que são diferenciadas entre si. Da convergência das diferentes expressões, todavia, pode-se afirmar que a sexualidade diz respeito à identidade, que se produz por meio dos vínculos constituídos no decorrer da vida, sem a necessidade da prática sexual propriamente dita, mas com reconhecida importância.

A sexualidade precisa ser entendida como emoções, como a pessoa sente o seu corpo, os seus desejos, como ela lida com tudo isso. [...] Então a sexualidade está presente em vários aspectos da vida e ela deve ser entendida desta forma. O principal é não relacionarmos a sexualidade somente com o biológico, e sim com o cultural e o social. Que esses aspectos vão definir a forma com que eu vou encarar e lidar com a minha sexualidade (ent./prof. 1).

Acho que a sexualidade não trata somente do gênero masculino e feminino, ela engloba um conjunto de coisas mais amplas, tipo – aspectos sociais, culturais. A sexualidade tem fases, tipo a adolescência, a idade adulta, a velhice... acho que nós temos que lidar com todos esses aspectos da sexualidade em cada faixa etária das pessoas. A sexualidade não envolve somente o ato sexual, a sexualidade é mais ampla, no sentido de envolver sentimento, envolver também o ato sexual (ent./est. 2).

Há o entendimento de que a sexualidade transcende as questões orgânicas, passando pela dimensão subjetiva, pelo campo dos sentimentos, da emoção, do carinho, do afeto, da cumplicidade e, também, do amor. Constitui-se no amálgama do biológico com o subjetivo, sem possibilidade de separações entre esses aspectos, visto que tudo isso compõe a vida, fundando-se, nesta junção, a singularidade de cada um.

Em virtude dessa indissociabilidade, a sexualidade compreende as descobertas dos sujeitos em torno de seu próprio corpo, a respeito dos sentidos que podem ser usados para desenvolver o prazer, para ter e dar prazer na sua amplitude. É concebida como comunicação, compromisso e responsabilidade de cada um para si mesmo e para com o outro.

Sexualidade se constitui de quatro, cinco ou mais elementos, que se compõem na soma total. Sexualidade é contato, contato de pele, não o ato sexual em si somente. É comunicação, é a fala, é o carinho, é a aproximação das pessoas. Sexualidade também é compromisso... compromisso de uma pessoa para com a outra, responsabilidade. Acho aí, não como elemento mais importante, o ato sexual, que pode se constituir como um mero prazer ou pode se constituir como um ato de amor. Também sexualidade é bem mais abrangente do que sexo. O ato sexual, pra mim, é o ponto culminante da sexualidade. A sexualidade é possibilidade de manifestação. Tem sexualidade e prazer? Tem, é óbvio, sexo também é prazer. Mas sexo também é amor, sexo é carinho e isso não dá pra entender como sexo, sexo, sexo... Eu chamaria isso de sexualidade (ent./prof. 3).

Referente à manifestação da sexualidade desde o nascimento até a velhice, os entrevistados entendem que em cada fase há características singulares, vivenciadas de forma diferenciada pelos sujeitos individualmente, o que vai ao encontro dos apontamentos de Gavião (2000), para quem essa se revela desde o ato de nascer até a morte, manifestando-se de forma diferenciada e cumulativa em cada fase vital e, assim, constituindo-a.

Sexualidade, para mim, são as várias etapas da evolução do ser humano no decorrer da vida. Em todos esses momentos da vida estamos sempre em movimento da sexualidade. Há a permanência decisiva da sexualidade em todas as fases da vida, da infância à velhice. Nesta fase, reconhecida como a etapa derradeira, a sexualidade está lá também. A sexualidade se estende até esta fase da vida, geralmente ligada à higidez de adulto e à beleza. Os velhos, assim como as crianças, são singularidades fundadas na sexualidade. Só recentemente descobrimos, por exemplo, que os velhos mantêm relação sexual, ou seja, têm desejo e a sociedade tem reconhecido isto (ent./prof. 4).

O conjunto dos depoimentos expressa a complexidade da temática estudada.

Sexualidade... eu entendo como toda a manifestação de satisfação, de prazer que nós experimentamos desde o nascimento, e que tem a ver com situações de ordem física e emocional. [...] Tem a ver com as trocas, as relações também que envolvem emoção, então..., como o afeto que se experimenta logo nos primeiros períodos da vida (ent./prof. 2).

Outra questão sobre a velhice: Borges (literato argentino, já morto) sempre desejou ser o presidente/coordenador da Biblioteca Nacional da Argentina, feito que só conseguiu quando muito velho e praticamente cego. Interrogado sobre o sentido de assumir tão importante posição nesta condição, disse: “Agora que o animal que habitava em mim deixou-me, restou em mim o melhor de mim. Finalmente estou pronto para a posição!” Creio que sua fala diz respeito a certo aplacamento de desejos físicos (animal que o habitava), que se foram. Restou ali, marcado na sua carne e alma, o humano, o puramente humano.... Veja como sexualidade se desprende de sexo (ent./prof. 4).

(...) É o que nos movimenta, tanto no sentido sexual, amoroso, respeito, carinho e amizade, enfim, tudo o que nos coloca em contato com as demais pessoas faz parte do que é sexualidade (ent./est. 5).

A despeito da complexidade do tema e do sentido singular que assume para cada sujeito, a sexualidade é entendida como dispositivo que dá sentido e valida, de certa forma, o ser humano enquanto ser e na sua junção com o mundo. É tudo, portanto, que dá sentido à vida – amor, carinho, afeto, paixões, ódios, invejas...

Os dados possibilitam concluir que pelo entendimento de que a organização da subjetividade se dá a partir do campo do outro, entendido como aquele que vai determinar o lugar do sujeito na cultura por meio do discurso, a vida sexual dos sujeitos vai sendo produzida pelo discurso do outro, o que vai dar significado a sua história. É, portanto, o outro quem nos organiza e, neste viés, é evidente que quem dá forma e sentido à sexualidade é o outro.

TEMA 2: *Sexualidade no cotidiano de professores e estudantes de Enfermagem*

Os depoimentos permitem perceber que o cotidiano acadêmico é rico em aspectos relativos à sexualidade, mesmo que nem sempre sejam nomeados como tal. Nos diferentes componentes curriculares estudantes e professores estão em exercício da sexualidade, uma vez que esta é mediada por relacionamentos.

Eu não tenho lidado concretamente com o ensinamento disso, embora indiretamente sempre estejamos lidando com isto. Quando se propõe um método pedagógico, a ideia da roda (referindo-se ao método proposto por Gastão Wagner de Campos), do partilhamento, nós estamos lidando com a sexualidade, lidando com a dimensão do outro na roda, inclusive extraíndo do outro determinados desejos e implicações que são sempre libidinais. Não há uma implicação que não seja libidinal. Aliás, Freud dizia “só é possível a vida em sociedade quando a gente toma esta pulsão sexual e constrói objetos de investimento, outros objetos de investimento” (ent./prof. 4).

Acho que normal, porque lidamos todos os dias... acaba se tornando rotina, sexualidade a gente desenvolve desde casa até a faculdade, nas ruas, em todos os lugares, em todos os dias e todos os momentos (ent./est. 5).

Nas diferentes atividades do processo formativo há expressão de desejo, não no sentido estrito da palavra, mas no sentido dos movimentos de vida, aquilo que coloca o sujeito em animação com o outro, há sexualidade.

[...] Qualquer objeto de investimento, qualquer ação humana não direcionada diretamente à realização de um desejo com o outro e talvez no outro, seja a construção de outros objetos que são sempre pulsões libidinais. Então, quando eu estou estudando, estou fazendo um estágio, estou lendo um livro, estou escrevendo, estou fazendo qualquer atividade, ela é a construção de um objeto de investimento que tem uma pulsão primeira, primitiva, da sexualidade humana (ent./prof. 4).

A despeito do entendimento bastante semelhante entre si sobre o que seja sexualidade e da sua existência no cotidiano acadêmico, parte do grupo de alunos e professores expressa dificuldades em trabalhar com a temática, o que também foi verificado em outro estudo, cujos sujeitos foram estudantes de Enfermagem (Brêtas; Ohara; Querino, 2008).

A gente sabe que o indivíduo é um ser, qual é a sua sexualidade. Eu sou uma pessoa que não tenho preconceito, eu respeito, mas como lidar e como eu me sinto tendo que lidar? É uma questão que fica no ar, porque a gente não teve um embasamento teórico pra fundamentar a nossa assistência neste sentido (ent./est. 1).

Quando o sujeito afirma que “*a gente sabe (...)* qual é sua sexualidade”, percebe-se que há certa redução do conceito, pois está se referindo a um dos aspectos da sexualidade, ou seja, à opção sexual. Quando adverte que “*eu sou uma pessoa que não tenho preconceitos, eu respeito (a opção sexual do outro)*”, pode ser inferido que reconhece a possibilidade das diferentes manifestações da sexualidade e tem noção que deve respeitar os demais. Ao manifestar dúvida sobre como lidar com a opção sexual do outro, porém, parece expressar um dever de respeito aos outros, o que não garante que concorde e aceite a forma como cada um vivencia a sua sexualidade. Pode haver, no entanto, nesse discurso, influência do meio social em que o sujeito está inserido, pois, pelo que se depreende do primeiro tema, é esperado que, no meio acadêmico, as diferentes opções sexuais sejam respeitadas. Afinal, a realidade explícita, de acordo com Ressel e Gualda (2003), nem sempre revela, de forma clara, o que realmente é sentido, pensado e falado, pois muitas vezes, pela interpelação do grupo social em que estamos inseridos, armamos um repertório discursivo de modo a garantirmos reconhecimento de nossos iguais.

Do estudo pode ser inferido, também, que os estudantes não têm embasamento teórico específico em sua formação sobre a temática da sexualidade e se ressentem em relação a isso.

Nós conversamos tranquilamente, mas ainda nos falta algo de certo, uma disciplina que trate especificamente sobre o tema, que é muito amplo, envolve muita coisa. Apesar de termos alguma facilidade para falar sobre o tema, não temos fundamentação, preparação científica, acho que nós não temos base, pode-se dizer quase nenhuma, mas a gente tem..., acho que é da nossa profissão..., acho que temos mais liberdade um pouco, mais de manejo com certas situações, acho que somos diferenciados porque nós conseguimos tratar isso com mais tranquilidade, mas nós não temos a preparação científica (ent./est. 5).

A Enfermagem é uma profissão marcada, desde o seu surgimento, por deveres, limites e proibições relativas à sexualidade, o que levava e, em certa medida, ainda leva o enfermeiro a silenciar e disciplinar-se em relação a questões referentes à sexua-

lidade, resultando em uma formação rígida e marcada pela repressão a este tema (Vieira, 2002). Por outro lado, o caráter repressor da formação tem sofrido transformações e as instituições formadoras de profissionais, entre estas as responsáveis pelo enfermeiro, têm redimensionado suas propostas político-pedagógicas, incluindo, de alguma maneira, questões acerca da sexualidade. O contato com a literatura especializada e a consequente possibilidade de sua inclusão no processo formativo constituem-se em estratégias eficazes para que a temática saia da invisibilidade e se torne confortável para o profissional.

Eu me sinto tranquila... Depois de fazer leituras e entender o que é sexualidade e relacioná-la com aspectos diferentes da vida, é fácil trabalhar a sexualidade, mas a gente, às vezes, encontra dificuldades às vezes até do outro e, algumas vezes, da gente próprio, por causa de preconceitos que existem em relação a ela, mas, no momento em que se estuda a sexualidade, em que se entende de uma forma global, fica mais tranquilo trabalhá-la (ent./prof. 1).

Mesmo que alguns sujeitos do estudo afirmem que se sentem seguros e que, em certa medida, consigam trabalhar com a temática da sexualidade, particularmente os estudantes expressam que sentem desconforto ao abordar este assunto em razão do despreparo teórico e pela possibilidade de certo “espelhamento”, ou seja, de que, à medida que aspectos da sexualidade do e com o outro sejam abordados, o acadêmico vá percebendo aspectos dele próprio, os quais nem sempre está preparado para enfrentar. Esse fato determina que se mostrem receosos de trabalhar com o tema, levando-os a silenciar e, por outro lado, aponta para a necessidade de o enfermeiro ter elaboradas as questões de sua própria sexualidade para que possa fazer algum investimento sobre a temática.

Tem muitas questões sobre a sexualidade que nos intimidam, devido ao fato de que, quando estamos abordando este tema, causa-nos um certo desconforto, que é provocado em virtude de que a sexualidade do outro reflete em nós, ou seja, a sexualidade do outro é como um espelho que faz com que a gente reflita a nossa sexualidade, e tudo que não se está preparado para lidar gera um certo desprazer [...] Acho que têm muitas coi-

...sas ainda que eu tenho que me preparar emocional e psicologicamente para conseguir passar as informações com confiança e segurança para as pessoas (ent./est. 3).

O constrangimento em relação à sexualidade vivenciado na prática da assistência de Enfermagem decorre do próprio relacionamento com o sujeito do cuidado, sendo motivado por “tabus e preconceitos interiorizados na socialização primária, bem como no silêncio e na imagem de assexualidade imprimeados na formação da enfermeira” (Ressel; Gualda, 2003, p. 193).

Muitos desses tabus e preconceitos possuem vinculação, também, com regras e limites da convivência social que, em primeira instância, têm o objetivo de possibilitar a harmonia dos sujeitos entre si, mas que, em realidade, muitas vezes condicionam a viver em um mundo restrito, fechado, ignorando que os seres humanos são sujeitos em relação (Vieira, 2002).

Com este tema compreende-se, ainda, que, na interação que ocorre entre professor e estudantes, há possibilidades de construção de novos sentidos para a vida de cada um desses sujeitos. Um dos sujeitos argumenta que, por meio da interação entre pessoas que se encontram em momentos distintos de vida (professor e aluno), há potencialidades para a “construção” (que lemos como “*produção*”: ação produzida a dois, constantemente), e isso nos parece ser expressão de pura sexualidade.

Outra questão interessante que diz respeito à sexualidade humana é a questão da geração, a mudança de ciclo, porque, tanto nas relações acadêmicas como nas profissionais, o que está marcando o século 20 e o 21 é a questão de limites, questões da permissão, questão da mudança... Então, se apresentam nessas relações estes marcos de geração, o que é permitido, o que não é. Muitas coisas apresentam-se como choque, para alguns é um choque! Então, quem é o estranho em sala de aula? O professor passa a ser o estranho na sala de aula, porque ali está uma geração nova, com uma postura, uma dinâmica, uma cultura que para nós (professores) fere muitas coisas, e que bom que fere!, que bom que tem pontos que... (não na dimensão de ultrapassado, superado) porque os estudos têm nos mostrado que temos que rever nossa histó-

ria, não para sermos saudosistas ou para ficar chorando o leite derramado, mas para ter construção (ent./prof. 7).

De forma sintética, o segundo tema indica que o cotidiano da Enfermagem, desde o seu processo formativo, é rico em questões relativas à sexualidade. Apesar, no entanto, de admitirem essa presença no plano retórico, especialmente os estudantes revelam dificuldade em lidar com o tema e reivindicam, visto que “falam” a partir do mundo acadêmico, um “lugar para aprender sobre sexualidade”.

Considerações Finais

O estudo mostra que a maioria dos sujeitos tem conhecimentos acerca da temática da sexualidade, bem como sobre os múltiplos aspectos que a compõem. Sexualidade, para eles, é algo que abrange questões socioculturais, religiosas, culturais e biológicas, dizendo respeito a todas as etapas da vida – do nascimento até a morte. É percebida como toda e qualquer forma de manifestação da vida, que permeia as relações entre os sujeitos, havendo compreensão que se exprime de inúmeras formas, entre as quais o ato sexual.

Em especial os estudantes, contudo, têm dificuldade em trabalhar com a temática, reivindicando espaço curricular específico para “aprender” sobre sexualidade. Tal reivindicação talvez se dê porque a academia tem-se constituído em um lugar de certezas, de verdades, de regramento, de experimentação e de controle, o que dificulta imergir em algo – a exemplo da sexualidade – que se desvela por meio de subjetividades, de singularidades, de historicidades e, por isso, pode representar ameaça, um salto no desconhecido e que culturalmente foi seara proibida aos enfermeiros.

Faz-se importante assinalar que a sexualidade emerge da natureza, não necessitando, *a priori*, de consentimento para ser exercida. Está, então, em cada sujeito, independente de sua vontade ou não. Suas manifestações, entretanto, estão condicionadas pelos elementos elaborados no seio da cultura, determinados pelo tempo histórico em que tal cultu-

ra se institui, constituindo-se, na verdade, em um híbrido entre natureza e cultura, o que é reconhecido pelos sujeitos deste estudo.

Por fim, cabe evidenciar que estudar a sexualidade requer estar sempre aberto a novas percepções, a novas concepções, a noções outras que se produzem em cada estudo, em cada conversa, em cada momento reflexivo. Isso tudo porque ela – a sexualidade – não é, ela simplesmente está. E dentro dessa noção admite-se que está em permanente produção, permitindo olhares sempre distintos.

Referências

- ALBRECHT, L. R. S. *O cuidado humano no cotidiano de profissionais de enfermagem de um hospital geral*. 2005. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí/RS, 2005.
- ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, n. 17, v. 2, p. 41-52, 2005.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996 que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 1996.
- BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; QUERINO, I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Enfermagem*, São Paulo, n. 21, v. 4, p. 568-574, 2008.
- GAVIÃO, A. C. D. Sexualidade do idoso e o cuidado em domicílio. In: DUARTE, Y. A. O.; DIOGO, M. J. D. *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico*. São Paulo: Atheneu, 2000. Cap. 26. p. 365-371.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Cap. 3. p. 43-51.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. III. p. 51-66.
- MIRANDA, C. M. L.; SOBRAL, V. R. S. S. Sexualidade e enfermagem. *Revista brasileira de sexualidade humana*, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH, v. 3, n. 1, jan./jun. 1992. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/volumes/volume3_1.pdf> Acesso em: 20 out. 2006.
- RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 82-87, 2003.
- _____. A sexualidade invisível ou oculta na enfermagem? *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 75-79, 2002.
- _____. A sexualidade na assistência de enfermagem: reflexões numa perspectiva cultural. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre (RS), v. 25, n. 3, p. 323-333, dez 2004.
- _____. *Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem: um estudo na perspectiva cultural*. 2003. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>> Acesso em: 20 jun. 2006.
- SEIXAS, A. M. R. *Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade & psicodrama*. São Paulo: Senac, 1998.
- VIEIRA, E. S. Sexualidade feminina e masculina. In: BARROS, S. M. O.; MARIN, H. F.; ABRÃO, A. C. F. V. *Enfermagem obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial*. São Paulo: Roca, 2002. p. 79-101.